CÓDIGO A6 (entrevista)

ENTREVISTADOR – composição da familia?

ENTREVISTADO: Idade: 58 anos, eu não me importo, tenho orgulho em falar minha idade. Família: eu e 1 filha (20 anos) que mora comigo, e 1 filha (37 anos) que já saiu,

ENTREVISTADOR - Ela saiu pra estudar ou casou?

ENTREVISTADO - Casou

ENTREVISTADOR - Ela mora por aqui? Também é produtora?

ENTREVISTADO - Mora, não é produtora.

ENTREVISTADOR - Faz algum serviço em parceria com o RECA?

ENTREVISTADO - Não é isolada.

ENTREVISTADOR - Origem da família?

ENTREVISTADO - Nós somos, a minha família é meio complicada. Minha mãe é catarinense, meu pai é Gaúcho, eu sou paranaense. Aí eu não sei o que que nós somos. Eu sei que eu sou paranaense né, sou uma mistura de gaúcho com Catarina. Mas viemos do Paraná pra cá. E descendente de italiano.

ENTREVISTADOR - Quanto tempo a senhora vive aqui no local?

ENTREVISTADO - Aqui nessa propriedade ou na região. Foi em 86, não 87, 33 anos. Nós viemos pro Estado de Rondônia em 74. Então já sou mais rondoniense do que paranaense. Nós ficamos em Colorado né.

ENTREVISTADOR - No caso foram seus pais.

ENTREVISTADO - Meus pais, nós viemos tudo adolescente pra Colorado né.

ENTREVISTADOR - Se pai chegou a vir pra aqui?

ENTREVISTADO - Meu pai hoje mora aqui desse lado. É meu vizinho aqui. Veio pra cá pra, lá em cima eles moram aqui desde essa época também, eles vieram em 83 para cá, Eles, só que são idoso né, ficava meio isolado ali, aí resolvemos fazer uma casa e agora eles são meus vizinhos.

ENTREVISTADOR - Qual que é a área da sua propriedade? O tamanho?

ENTREVISTADO - É 42 alqueire, é 100 hectares, aproximadamente 100 hectares.

ENTREVISTADOR - Hoje qual a sua atividade principal?

ENTREVISTADO - Agricultura.

ENTREVISTADOR - E qual a cultura, a produção principal?

ENTREVISTADO – É, tá o cupuaçu e o gado assim meio, que é as minhas duas fontes de renda mais que tão meio empatada né.

ENTREVISTADOR - Sua mão de obra é contratada ou ela é familiar?

ENTREVISTADO – Familiar.

ENTREVISTADOR - A sua relação com o mercado ela é via cooperativa? Mas tem alguma outra forma também?

ENTREVISTADO – A produção é toda via cooperativa, o gado que é outra forma.

ENTREVISTADOR - Mas é alguma outra cooperativa?

ENTREVISTADO – Não é direto com o marreteiro. Não sei como que se dá essas palavras. Comprador.

ENTREVISTADOR - Você tem outra atividade remunerada fora o gado e a produção?

ENTREVISTADO – Não, só essas mesmo.

ENTREVISTADOR - Algum membro de sua família recebe algum benefício do governo, auxílio, pensão?

ENTREVISTADO – Eu, sou pensionista.

ENTREVISTADOR - Quando a senhora iniciou as atividades? Qual foi o motivo que a senhora iniciou? Quais foram as principais dificuldades? Como que foi o início?

ENTREVISTADO – A gente começou plantar devido, quando eu comecei mesmo que foi em 2000, minha primeira produção foi em 2001, que eu plantei minha roça. Aí já tinha o RECA né, aí era uma forma a gente era pequeno produtor, não tinha nada, aí vamo plantar pra, porque o RECA já tinha aquele apoio pra nos dar, você colhia e já tinha onde colocar sua produção né.

ENTREVISTADOR - Já existia a cooperativa?

ENTREVISTADO – Já existia a cooperativa. Que era associação na época né. Aí a gente já plantou pra, porque já sabia que tava colocada a nossa mercadoria, a partir do momento que nós colhesse, já tinha onde entregar. E as dificuldades, hoje já tamo, vamos dizer hoje já tem tudo né. em termos de forma assim, hoje você tem um trator, tem várias coisas pra você , ter uma roçadeira. Na época a gente tinha malemal uma enxada com essa ferramenta que eu tô hoje e um facão né, pra nós lá do Sul é facão, para cá é teçado né. Era com isso que a gente trabalhava com a foice, hoje não, você precisa preparar uma terra, você né. Então eu acho que primeiro era muito mais difícil.

ENTREVISTADOR - A senhora chegou a exercer alguma outra atividade, ou outro trabalho antes de vir para a agricultura?

ENTREVISTADO – Eu fui balconista.

ENTREVISTADOR - Mas o seu pai já era agricultor?

ENTREVISTADO – Meu pai praticamente nunca foi agricultor. Não, meu pai sempre foi comerciante, ele é funcionário público né e comerciante.

ENTREVISTADOR - Então praticamente a senhora que iniciou?

ENTREVISTADO – É quando começamos foi eu e meu irmão, o Vilmar, ele mora até bem próximo aqui, nesse RECA, a gente entrou praticamente junto,

ENTREVISTADOR - Porque no caso vocês vieram para cá pelo comércio do seu pai?

ENTREVISTADO – Pelo comércio.

ENTREVISTADOR - Aí aqui que vocês conheceram a agricultura?

ENTREVISTADO – Aqui, eu já vim casada. Eles se casaram, aí compraram um pedacinho de terra e foi plantando.

ENTREVISTADOR - A senhora então não tinha conhecimento da agricultura?

ENTREVISTADO – Não.

ENTREVISTADOR - Esse início, esse conhecimento Inicial, foi com outros agricultores, foi com técnicos, como que foi esse início?

ENTREVISTADO – Eu acho, foi assim, igual eu te falei, foi tudo através, porque esse RECA incentivava a gente, planta o cupuaçu. Na época até a gente plantava muita castanheira que era, os projetos era bem, as primeiras castanheiras que nós plantamos ali no Vilmar, já tem anos que tá produzindo né. Aí então a gente tinha um incentivo deles para você plantar.

ENTREVISTADOR - E eles ensinavam?

ENTREVISTADO – Eles ensinavam, isso mesmo. Até a gente sofria muito com o tal do coelho, cotia, sei lá que bicho que era, que ia lá e cortavam todo o nosso palmito, arrancavam a castanheira para comer a fruta embaixo, nós naquela época as latas de óleo era lata ainda né não era embalagem de óleo. Nós saímos catando tudo que era lata que tinha na redondeza pra ir de pé por pé, colocando as latinhas para poder ele sair fora. Mas foi assim eu acho que a gente, plantou mais foi por causa do incentivo do RECA mesmo, portanto que as nossas lavouras são mais pra associação né. Não tem uma lavoura, planto um milhozinho ali, pras galinha, coisa pouca né.

ENTREVISTADOR - Quando a senhora iniciou, o processo da produção, teve alguma coisa que senhora fez e não deu certo, alguma cultura.

ENTREVISTADO – A única coisa que eu plantei na realidade, não foi que não deu certo, eu desisti por, foi por falta de mão de obra né, como eu trabalho só, foi a pupunha de semente, mas não foi porque ela não deu certo, ou não dava produção e sim porque, por falta de mão de obra né.

ENTREVISTADOR - E o restante, então tudo que eles orientaram, a senhora foi seguindo as orientações e foi tudo dando certo?

ENTREVISTADO – Foi tudo dando certo e continua dando. Graças a Deus e a eles né.

ENTREVISTADOR - Então vocês participaram de vários cursos, de várias palestras pra fazer esse processo de acompanhamento. Isso vocês continuam fazendo até hoje?

ENTREVISTADO – Na realidade ainda tem ali no RECA, a gente que já, vamos dizer assim, toma aquelas atitudes que acha que sabe tudo e não sabe ainda. Porque não sabe nem a metade e não participa mais muito dessas palestras. Esses dias teve da broca do cupuaçu, é uma realidade que a gente enfrenta, que tem essa broca, e coloca um obstáculo. Que tempo a gente tem que tirar pra, pros principais né. Depois os outro fala, minha roça de milho se eu não carpi hoje, amanhã eu carpo né. Aquele curso é hoje e amanhã não tem né. É assim que funciona, mas na realidade ele, a gente não tá indo mais, mas continua tendo, só que a gente que relaxou e não participa mais desses cursos.

ENTREVISTADOR - A senhora considera que esses conhecimentos que foram adquiridos por meio de cursos. No caso vem técnicos aqui?

ENTREVISTADO – Vem técnicos. Até se pedi para eles, oh eu quero um dia da semana que vem, eu quero que vocês vêm e dão uma olhada na minha área. O que que, qual procedimento que eu tenho que fazer, eles vêm.

ENTREVISTADOR - a senhora considera que isso todo esse conhecimento, proveniente dos cursos, sempre foi muito útil para o seu sucesso?

ENTREVISTADO – Sim. Sempre foi.

ENTREVISTADOR - Tem atividade de campo, dia de campo?

ENTREVISTADO – Sim.

ENTREVISTADOR - A sua produção sempre foi vinculada ao RECA, a associação?

ENTREVISTADO – Sim e agora a cooperativa.

ENTREVISTADOR – A senhora participa de reunião e discussão de aprendizado com vizinhos e outros proprietários?

ENTREVISTADO – Sim, nas reuniões.

ENTREVISTADOR – Quando a senhora começou a sua produção para hoje, a senhora considera que houveram muitas mudanças? E o que foi implementado de mudança que facilitou, que melhorou a sua produção?

ENTREVISTADO – Eu acho assim que o que melhorou mesmo em nossas produções são os adubos, tanto aquele, o composto a gente começou agora há pouco tempo mas eu tinha aquele biofertilizante que fazia, que colocava né.

ENTREVISTADOR – A senhora também é orgânica?

ENTREVISTADO – Não, não sou orgânica. Sou convencional. Mas é o que a gente fez, esse biofertilizante, a gente usa né. Que nem que eu tenho aqui ainda, que eu uso, então

ele eu acho assim que melhora bastante na produção, ele dá um bom retorno e sem custo né.

ENTREVISTADOR – Hoje a senhora usa só o biofertilizante, ou usa outro tipo?

ENTREVISTADO – Nessa área aqui eu só uso o biofertilizante no caso e o composto.

ENTREVISTADOR – E a senhora viu melhoras?

ENTREVISTADO – Vi melhoras.

ENTREVISTADOR – Mas ou quanto tempo a senhora está usando esse produto?

ENTREVISTADO – O biofertilizante faz uns dois anos que eu comecei a usar. E nesses dois anos já teve resultado. Eu não sei se é ação dele, mas eu acredito que tenha sido, né. Porque essa safra que terminou, eu tipo uma boa safra dele né. Aí eu acredito que tenha sido da aplicação.

ENTREVISTADOR – A senhora considera que a sua adaptação esse processo foi boa? As práticas melhoraram?

ENTREVISTADO – Foi boa, isso mesmo.

ENTREVISTADOR – Em relação ao processo da administração da gestão da unidade nos últimos anos. Mudou alguma coisa? Melhorou? Tiveram cursos que te auxiliaram na tua gestão?

ENTREVISTADO – Teve um curso, mas eu também não participei. Se eu falasse que participei, ta aí ele ía dizer que não.

ENTREVISTADOR – Mas independente do curso, a senhora considera que a sua gestão melhorou?

ENTREVISTADO – Melhorou, acho que eu melhorei. Devido as nossas reuniões, a gente conversa muito sobre essas coisas. Em termos de como tem que administrar. Eles que participam dos cursos aí vem falando para gente, aí teria que anotar essa, essa roça, essa produção é isso, esse outro, então a gente não participa de cursos, mas eles que participam, nessas reuniões eles passam pra gente e a gente vai pegando né. Aí a gente vai aprendendo com eles. Eles vão passando e a gente vai pegando.

ENTREVISTADOR – De quando a senhora começou pra agora, a senhora modificou, o que foi inserido de tecnologia?

ENTREVISTADO – Na minha agricultura muito pouca, porque não tem trator, então hoje eu tenho a roçadeira né costal, que facilita muito para mim.

ENTREVISTADOR – A senhora chegou a fazer algo diferente? Fez alguma adaptação da tecnologia do mercado ou não?

ENTREVISTADO – Não, eu só adquiri e estou usando.

ENTREVISTADOR – No caso, alguma coisa alternativa foi só mesmo o biofertilizante?

ENTREVISTADO – Comecei a usar e o composto que foi, também comecei a usar.

ENTREVISTADOR – Hoje a senhora produz alguma coisa diferente de quando a senhora iniciou?

ENTREVISTADO – Continuo ainda com o cupuaçu, a pupunha de palmito e frutos né.

ENTREVISTADOR – Os frutos foram inseridos depois?

ENTREVISTADO – Não, eu já tinha. Os frutos na realidade foi quando a gente plantou, logo plantou uma área de cupuaçu e uma área de, porque no começo a gente quase nem mexia com palmito, era menos, hoje que o palmito, o comércio tá bem, mas no começo, a gente plantava mais era pra semente mesmo né, não era pra.

ENTREVISTADOR – A senhora considera que houve melhorias no bem estar e na qualidade de vida da família?

ENTREVISTADO – Houve, houve, considerável.

ENTREVISTADOR – A questão do processo da produção a senhora faz o controle aqui?

ENTREVISTADO – Aqui e tem lá (RECA).

ENTREVISTADOR – A senhora acha que teve alguma agregação de valor do seu produto E aí vocês identificaram uma coisa que pode utilizar mais alguma coisa? Houve essa mudança de agregar mais valor ao produto?

ENTREVISTADO – De quando nós começamos. No começo a gente só mexia com polpa né. Depois surgiu o negócio da manteiga. Acho que teve mais algumas.

ENTREVISTADOR – Isso sempre foi vinculado às orientações da cooperativa?

ENTREVISTADO – Isso. Sempre vinculado a cooperativa, porque aqui na produção mesmo não né. Porque desde o nosso composto tem a ver com nossa produção que é resíduos das nossas produções né. Mas aqui, em termos de agricultura aqui não. Só vindo de lá.

ENTREVISTADOR – Em relação a questão do resíduo. Como que é a questão do resíduo da propriedade? É reaproveitado? Foi feito alguma coisa pra reduzir os resíduos?

ENTREVISTADO – Por isso, porque a produção em si. Aqui eu não tenho porque, ou é matéria que é o capim que já fica ali ou vai pro RECA, que são, o cupuaçu vai a fruta toda, daí o resíduo fica todo lá que vai pro composto né. Aqui não tem. Lá no outro, na minha outra propriedade aí eu teria o resíduo da pupunha que eu reaproveito e armazeno ela e durante o ano eu consumo pra porco e galinha, o resíduo da massa da pupunha. A polpa depois dela bem sequinha você pode bater ela no quiralero com um pouco de milho e fica, faz uma ração, a gente até pega uma torta de cupuaçu e um pouco da pupunha. Mas o porco ele come ela sem nada, do jeito que ela tá ali seca, ali bem sequinha, você pode jogar lá que ele come.

ENTREVISTADOR – Em relação a questão dos mercados, a senhora disse que é via RECA e a pecuária é venda direta.

ENTREVISTADOR – e como que a senhora considera que é a aceitação dos produtos pelos consumidores, pelos compradores? Ter a cooperativa facilita?

ENTREVISTADO – No meu entendimento eu acho que facilita muito. Se não fosse através da cooperativa eu acho que dificultaria muito nós, a gente talvez nem conseguiria por toda nossa produção né. Se não fosse a cooperativa com certeza nós não teria condições de pôr nossa produção toda.

ENTREVISTADOR – O fato da senhora não ser orgânica, não interfere?

ENTREVISTADO – Não interfere nada, vamo dizer assim, a minha opinião vale tanto quando o orgânico, é só por ser orgânico e ser convencional.

ENTREVISTADOR – Os benefícios da cooperativa. É toda a sua história?

ENTREVISTADO – Isso.

ENTREVISTADOR – A senhora recebe algum tipo de ajuda de alguma instituição local, política pública.

ENTREVISTADO – Não. Eu acho que não. Através da cooperativa a gente conseguiu ajuda do trator, mas é tudo através dela mesmo, é pouco mas, podiam fazer mais.

ENTREVISTADOR – Bom a senhora disse que todas as recomendações vieram pelo RECA

ENTREVISTADO – Isso, todas deram certo.

ENTREVISTADOR – A senhora considera que na sua propriedade, a senhora faz algo de diferente, pode ser produto ou processo?

ENTREVISTADO – A única coisa que eu fiz de diferente foi plantar ali por conta, sem eles me orientarem nada. Fui lá plantei agora tá saindo de qualquer jeito né. É o cupuaçu e o açaí. É a mesma produção, mas não eu não faço nada de diferente. Sempre busco seguir as orientações.

ENTREVISTADOR – Pode dizer que o seu benefício é estar vinculada a cooperativa?

ENTREVISTADO – Isso, estar ligada a cooperativa.

ENTREVISTADOR – Vocês costumam participar de feiras.

ENTREVISTADO – Eu já fui convidada, mas nunca participei. Eu sou sozinha e tem meu pai e minha mãe que são idosos. Agora eles estão aqui ficou mais pesado pra mim, mas lá era mais ruim pra mim ainda. Porque eu tinha que me deslocar. Então impede deu fazer algumas coisas né.

Fábio – A gente costumava participar de feiras, né. algumas a gente não tá indo mais, porque assim, não tem como levar polpa congelada em feira, é difícil.

ENTREVISTADOR – Quando tem a feira, vai a cooperativa ou o produtor?

Fábio – A gente sempre convida o produtor pra fazer essa parte de feiras né, então sempre vai alguém técnico e um produtor.